

Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1939.

Meu caro Werneck Sodré,

Começo receioso por não saber como serão recebidas por V. estas linhas, após um silêncio tão longo e a primeira vista tão imperdoável. Não quero eximir-me completamente da culpa a que certamente não posso escapar, por ter deixado sem resposta a sua carta tão cheia de cordialidade e tão reveladora dos seus sentimentos bondosos para comigo. Mas a falta não é tão feia como parece e ha nela mesmo uma circunstancia atenuante, que se torna quasi uma justificativa. Escrever-lhe ás pressas, para desobrigar-me apenas de rudimentar dever de cortezia, não me parecia solução do problema, que para mim consiste em entreter comunhão espiritual com o joven amigo, cuja inteligência e cultura admiro e em cujo coração encontro tão confortante amizade. Por isso, um pouco mais livre de uma serie de trabalhos e de preocupações que me assediaram durante os ultimos dois meses, aproveito este domingo para responder a sua carta e tambem para enviar as minhas recomendações e as saudades da Cecilia a D. Yolanda.

Aliás, não tenho deixado de estar em contacto com V. e a remessa pontual de todos os numeros de "Novas Diretrizes" deve não somente ter-lhe mostrado não estar esquecido, como tambem servido para pô-lo ao corrente do que penso sobre os temas mais salientes da actualidade brasileira e mundial. Quando escrevo nunca penso no público, mas exclusivamente em um numero limitado de pessoas, que para mim constituem o círculo com que procuro conversar por meio da palavra impressa. E é claro, meu caro Werneck Sodré, que nessa palestra á distancia V. é sempre uma das figuras da pequena patêa, em quem mais frequentemente se fixa a minha visão espiritual.

Bem sei que muita coisa e talvez tudo, mesmo que tenho escrito, não desperta da sua parte uma reacção favoravel. Mas isto não é para mim o essencial, embora a sua opinião me seja tão valiosa. Prefiro sempre dirigir-me aos que admiro, mas que não se acham invariavelmente no meu campo. Conversar com os que pensam como nós pode ser agradavel ao elemento sibarita que forma uma parcela de todas as personalidades e que no meu caso não é diminuta. Mas o meu sibaritismo é menor que a minha combatividade. E o temperamento belicoso que me havia predeterminado a empunhar uma baioneta, mas que o Destino reduziu á contingencia de batalhar com palavras, torna-me sempre inexcedivelmente delicioso o prazer de uma logomachia com adversarios de pulso. E desta categoria, no Brasil, poucos encontrarei da sua envergadura.

Vou acompanhando a marcha dos acontecimentos que aqui se desenrolam, sem alterar, é claro, o que ha de essencial nos meus pontos de vista, mas com crescente cepticismo so-



# NOVAS DIRETRIZES

DIRETOR:

AZEVEDO AMARAL

bre a maneira como as oportunidades do golpe de Estado de 10 de Novembro ~~serão~~ aproveitadas por quem tem nas mãos, não direi a espada, que é coisa demasiadamente grandiosa para o nosso meio, mas simplesmente a faca e o queijo... Entretanto, meu caro Werneck Sodré, estou convencido de que um passo decisivo está dado e que não será mais possível retornar ao cemitério, em que foram definitivamente inhumadas as instituições democráticas. Agora só nos resta a alternativa de construir um autêntico Estado autoritário, ou ficar ao relento, tremendo de frio, a espera de que o desenvolvimento histórico designe o nosso futuro a nossa revelia.

Escrevo estas coisas e tantas vezes transmi-to as minhas idéas pelas paginas de "Novas Diretrizes" pensando em V. Não é neste caso no amigo para quem convergem a minha admiração e os meus sentimentos que estou pensando. Mas no moço a quem um bom Destino encaminhou para a carreira militar, dando-lhe com a farda o unico meio possível de contribuir eficazmente no momento atual e nos anos que se sucederão no correr do século, para co-operar realmente na obra de construção de um Brasil Novo. Quanto mais penso na situação brasileira e nos seus problemas, mais robusteco a convicção de que o Brasil tem literalmente os seus destinos dependentes do modo como as classes armadas souberem compreender a sua responsabilidade histórica e tiverem a coragem de assumir a direção do trabalho educativo dessas massas humanas, que por ora são apenas a informe matéria prima de uma nação.

E é dentro desta ordem de idéas que dirijo, não ao meu joven amigo, mas ao Tte. Werneck Sodré o pedido de um, ou antes de varios artigos para "Novas Diretrizes". Mande-me o primeiro quanto antes. Infelizmente não me chegara mais a tempo de publicá-lo na edição de Agosto. Mas honrará as paginas da minha revista no numero de Setembro. Escreva sobre o que quizer e diga o que pensar. Peço-lhe, porem, que escreva com a ponta da espada, que é o único instrumento adequado a condução dos povos infantis ou retardatarios.

Adeus, meu caro Werneck Sodré, recomende-me muito a D. Yolanda, a quem a Cecilia vai escrever algumas linhas. E esperando ansiosamente ocasião de trocar verbalmente idéas, peço-lhe que aceite um afetuoso abraço de quem é muito amigo e admirador

(Azevedo Amaral)

Edifício Góes--apto.123.Rua Alvaro Alvim, 27-RIO.



S. Paulo, 7 Dezembro 1942

Presado Sr. Nelson Werneck Sodré:

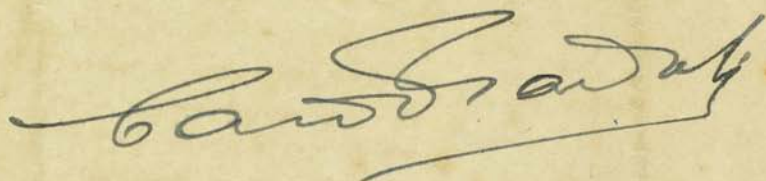
É com a maior satisfação que recebi sua carta, que veio estabelecer um novo contato entre nós, depois daquele que eu já tinha atravez de seus livros. Lamento agora não ter tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente durante sua permanencia em S. Paulo, de que aliás só hoje tenho noticia. Mas estou seguro que ainda ~~haveremos~~ de dispensar este meio moroso de comunicação, e a que não sou muito dado, das cartas. Por enquanto, ~~xxx~~ apelemos para o velho ~~pro~~verbio, "quem não tem cão ..."

Tirei de sua carta muito proveito. Sua observação relativamente ao esforço de acensão da classe média brasileira é um dos pontos centraes dos meus trabalhos em preparação. Não me ocupei dele no primeiro volume da FORMACÃO porque o fato pertence mais ao seculo passado. Abordei apenas incidentalmente o papel do clero: voltarei a ele com vagar, e aproveitarei aliás o seu trabalho que conheço. Quanto á força militar, li a sua carta justamente quando estou analisando com todo vagar o que se passou a este respeito no correr das agitações da Independencia. Nos documentos da época, sobre os quaes estou trabalhando intensamente, o fato é flagrante; e encontro a cada passo as observações, escandalizadas ainda, da acensão de pretos e mulatos ao officialato da tropa regular.

Para quando espera publicar seus estudos? Eles seriam de consideravel auxilio. Seu anuncio pos-me agua na boca, porque de antemão já sei da substancia com que virão. Infelizmente quem estuda as coisas brasileiras é quasi sempre obrigado a um trabalho de primeira mão; pequeno é o auxilio que trazem historiadores passados, em que a simples cronica cede apenas lugar a tiradas literarias. As coisas hoje começam a melhorar; mas estamos longe ainda de contar com uma base solida e util de trabalhos já realizados. Esta tarefa cabe á nossa geração. Não tenho pretensões a fazer nada de definitivo, o que julgo aliás

impossível por prematuro. Mas tenho dado todo meu esforço para desbastar o terreno, esperando que possa de futuro ser útil aos pesquisadores das coisas brasileiras. Enfileiro-me assim nesta "equipe" de trabalhadores da nossa história que está lançando os seus verdadeiros fundamentos. É pelo menos esta a minha pretensão; e se conseguir alguma coisa neste sentido de fazer da história brasileira outra coisa que uma simples crônica literária, entremeiada de louvores a esta ou aquela figura mais saliente (que é o tom pelo qual se conduziu até hoje, com raras exceções, os estudos históricos entre nós), terei dado cabal desempenho ao fim que me propus.

Queira aceitar meus agradecimentos pelas referências que fez ao meu livro, e receba um cordial abraço de quem muito o considera,



Caio Prado Junior

Rua Maranhão, 132 - S. Paulo.



Rio - 29 - Março - 1945

Caro Nelson:

Sim, recebi a carta que V. me mandou quando cheguei a mais recente lembrança que me dá um estremeor. Não sei logo responder porque estou cheio de obrigações horríveis e o jeito que tenho é virar selvagem. V. me desculpe e desejando qualquer coisa d'aqui não deixará de escrever-me algumas linhas.

A carta em que se refere ao pagamento da colaboração foi entregue depois do telegrama, equivalente a um recibo. Tranquillizei-me. Várias vezes havia falado nisso — e sempre me dizia que o dinheiro tinha saído. Agora vou me atrevo de cinco ou seis meses na theobromia, o que desgasta e a fazer diversos colaboradores.

Aqui só existe um original em ( Sentimentos da nacionalidade na literatura brasileira ), que he sido foi para a composição. O ultimo artigo sahiam nos numero 18 e 19, parece.

Continuarei a atenuar S. Welton, para que ella não se



esquema Se mencionat o seu nome na  
folha, eia que faz regularmente esse  
fo, porque estava conversando.

Falei qd Almirante sobre a promessa  
da revolta e sobre que elle tem sido qm qd  
procuradamente. Como é possível que tenha  
havido extraviio, o rapaz se expediao lhe  
remette agora os numero que lhe fallam,  
de Agost para cá.

~~Adens~~ Adens, caro Nelson. Esta  
literatura vai ficando medonha. Já tivemos  
um romance oficial, aprovado num  
Ministério, com informações, pareceres,  
depocho em papel peltado, etc. Para onde  
vamos, seu Nelson?

Ure abraes 80

fragiliss.



Rio, 29-4-39.

Meu caro Nelson.

Ha muitos dias que estou para  
apradever-lhe a apreciação tão su-  
momamente generosa que você fez  
de Tobias, pelos volumes do uroso  
e uethu Carrei. Para a crítica e  
para o publico, foi você quem  
"descobriu" o livro. Realmente,  
o primeiro a sobre o mesmo  
exoruer, você deu os seu  
roda-pe' um tom de tal modo  
excepcional que, logo de manhã, um  
onijo ai de São Paulo me tele-  
fonava contando a boa noticia.  
Sem duvida, voce foi muito gene-



roso. Mas, descontado tudo, a amizade,  
a simpatia, a identidade de pontos de  
nosso ponto de vista, senti que você  
● está do livro objetivamente, real-  
mente, "no deus", como se diz. Você  
também é autor e pode avaliar  
quanto nos agrada uma demons-  
tração dessa, partida de pessoa real-  
mente qualificada para opinar,  
como era seu caso.

Muito obrigado, pois. Luond Terenos o  
● Ponovoma?

Receba um abraço afetuosos de

Herens (eu)

rua de Copacabona, 1059. Ap. 7.



Meu caro Nelson: -

Foi com jubilosa gratidão que recebi a sua carta. E depois, com a revista da Escola Militar, o trabalho, onde, em conceitos de fidalga generosidade, você faz o julgamento do velho amigo, através da sua larga bondade e todo illuminado das graças do seu claro espirito.

O brilhante artigo que você escreveu é uma demonstração da riqueza opulenta dos seus sentimentos. Você veio arrancar-me da minha obscuridade. O seu bello estilo, ao serviço de uma grande bondade, transformou o professor ~~um~~ modesto e quasi anonymo em notavel personalidade.

Certo, que, se não tivesse, desde muito, compreendido as razões da sympathia com que me têm cercado espiritos superiores que, por ventura, tenho encontrado, em meu já longo magisterio, veleidades de excepcional valôr pessoal poderiam arraigar no meu espirito sentimentos de vaidade, que me obscurecessem o julgamento de mim mesmo, sobre as humildes qualidades intellectuaes de que, acaso, eu seja dotado.

Não foram - de sobra eu o sei - o brilho e a profundidade do meu ensino, qualidades que nelle se não faziam notar, que me conquistaram a sua estima e as generosas manifestações da sua amizade, mas a conducta moral daquelle que, durante algum tempo, sem em-



bargo do minguado saber de que dispunha, teve a fortuna de ser, talvez util ao desenvolvimento do seu espirito de elite.

O que lhe impressionou, por certo, foi a sinceridade das minhas expressões. O meu profundo desprezo pelas conveniencias que sancionam, pelo silencio ou por uma covarde approvação mentiras e iniquidades. O descaso por vantagens pecuniarias. E a completa indifferença pela opinião que possa formar a meu respeito o vasto rebanho dos inconscientes ou acomodaticos.

Assim, procurei despertar e desenvolver no animo daquelles que se dignaram escutar o meu ensino, um ardente amor pela liberdade de pensamento e pela independencia de julgamento que são as mais altas expressões da dignidade humana.

E' nessa absoluta liberdade de agir e de pensar, liberdade que sempre tive a preocupação de nunca restringir nos meus discipulos que repousa, de certo, a estima com que você me tem honrado.

O seu espirito, livre e amplo, sentia-se á vontade com o professor, mediocre em saber é verdade, mas cujo respeito á consciencia alheia o levava a aconselhar sempre aos discipulos que lhe discutissem, ou mesmo contrariassem as idéas ou as doutrinas, que lhes repugnassem ás convicções proprias.

Ninguém melhor do que você sentiu o esforço que eu fazia, para impellir a mentalidade dos que me ouviram, á reflexão e á formação



de idéas pessoaes, sobre todas as questões focalisadas, e o empenho que punha em convencer-os que não é um dever pensar como toda gente, insistindo que o homem esclarecido deve acautelar-se contra o espirito esterilizador da autoridade cujo uso, prolongado e inconsiderado, confere ás idéas preestabelecidas e aos factos repetidos.

Professando as disciplinas de cujo ensino foi incumbido, nunca pretendi que os conhecimentos que transmittia fossem definitivos. Nunca pretendi que a maneira como encarava e examinava taes conhecimentos fosse a mais completa. Praticando como é do meu feitiço moral, a mais illimitada liberdade de exame, exortei, dando o exemplo, aos que me escutavam, que a exercessem do mesmo modo. Nunca perdi oportunidade para apontar e pôr em relevo os males incalculaveis que, para o progresso do espirito humano, resultam da acceitação a priori, de idéas preconcebidas e de principios correntemente julgados immutaveis.

Foi, sem duvida, esse modo de me conduzir, que atrahio para mim o seu brilhante espirito.

Por certo que - você tem razão, afirmando-o em seu artigo - apesar do profundo respeito que sempre demonstrei pelas opiniões alheias inegavelmente sempre me esforcei, pela persuasão, por influir com as minhas convicções doutrinarias, na formação moral e intellectual dos discipulos. Mas é que para mim, ensinar não é apenas desenvolver um rotineiro e irracional programa official, nem transmittir idéas sem vida, de ma-



uaes fosseis ou sectarios, porém transmittir toda a alma, toda a anciedade e desvendar illusões, para attingir a verdade.

"Ensinar, já ha tempos o escrevi, a Clovis Gama, não é repetir dogmaticamente, como um realejo, idéas feitas, de manuaes vulgares, em tom de quem não admitte réplica. Ensinar é modelar almas e forjar caractéres. E' pregar a religião da verdade. E' desprezar a hypocrisia, a mentira, a charlatanice. E' destruir convenções irracionaes e preconceitos ancestraes. E' guiar a razão ainda desorientada para o bem e para a justiça !

Ensinar é desenvolver o espirito de critica e provocar a curiosidade das cousas do mundo e da vida. E' plantar e fazer fructificar na alma do discipulo o sentimento da dignidade humana, pela crença em si proprio, mostrando-lhe a grandeza das obras do homem e o poder creador e transformador da sciencia ! E' convencil-o, assim, da sua propria força.

Ensinar é glorificar a potencia incalculavel do pensamento. E' celebrar as realizações magnificas da nossa especie, soberana pelo genio, na vastidão do planeta !

Inutil, nocivo até, é o professor que não compre-



ende que a sua missão incomparavel é realizar estes altos objectivos: guiar a inexperiencia, desenvolver a iniciativa, ensinar a pensar, e, sobretudo, integrar a individualidade do discipulo, na sociedade, pelo culto dos deveres sociaes, e pelo devotamento humanitario

Nunca, como na epoca em que vivemos meu caro Nelson, em toda a longa e accidentada evolução das sociedades humanas, foi tão alta e tão complexa a missão do educador.

Si as crenças religiosas, destruidas pela sciencia que, a pouco e pouco, foi illuminando a treva e o pavor do mysterio procreador de divindades, se impõem, ainda, apparentemente, como força educadora, no interior das consciencias, entretanto, não são mais do que velhissimos habitos ancestraes, sem nenhuma ~~ancora~~ moral.

Nas sociedades onde a sciencia dominou todos os aspectos da existencia, as grandes religiões de autoridade desde muito fallidas no interior das consciencias não são mais do que culto exterior. Não são mais do que ritual e liturgia, ao serviço dos sacerdocios arregimentados, e naturaes alliados, pelo seu proprio interesse, de todos os despotismos politicos e sociaes.

Ao decrepito mundo das illusões e dos pavores do sobrenatural, a sciencia, explicando os mysterios, substitue o mundo sadio e joven da realidade. A velha e carunchosa moral fundada no medo ingenuo



dos deuses de innumeras gerações esborôa-se por toda parte onde penetra a claridade do saber positivo. E das suas ruínas informes, eleva-se a moral, fundada no culto do dever e da solidariedade humana.

Sem duvida que os conhecimentos positivos destruindo todo esse velho mundo de ilusões abriram, na alma humana, enorme lacuna que é preciso preencher. Por isso é necessario que a educação moderna, fundada nos principios da sciencia, destruindo todos os espantalhos e as superstições que escravizam <sup>com</sup> ~~os sentimentos~~ as tyrannias nascidas da ignorancia, substitúa todas essas illusões mortas, na consciencia do homem, não por outros enganos, mas pela crença em si proprio. Na sua força. Na sua bondade. Na capacidade de aperfeiçoamento moral. Na utilidade social. No devotamento humanitario de que elle é capaz.

E a quem as sociedades, actualmente, deante da derrota dos sacerdocios, e particularmente do clero cat<sup>h</sup>olico, - como força educadora - poderão confiar essa eminente e formidavel missão, senão ao professor ?! Haverá, no mundo contemporaneo, mais alta e difficil missão ? Não, por certo. Dessa obra quasi apostolica entretanto, incumbe-se, entre nós, um magisterio puramente burocratico, cujo dever unico é desenrolar, como um realejo, programmas officiaes rotineiros e sem nexo, que só produzem um confuso meio-saber, talvez de piores consequencias moraes do que a completa ignorancia.

Por muito mal remunerado e quasi sem expressão social,



de par com a finalidade subalterna que lhe concedem os poderes publicos, o magisterio que, entre nós, é apenas um ramo secundario da burocracia official não tem condições de successo, nem promette independencia economica aos espiritos empreendedores e activos, possuidores de cultura moderna e especializada no dominio de determinada disciplina, como exige o ensino contemporaneo, que repousa inteiramente nos dados positivos do saber consolidado, e na sua experimentação technica.

Productora e officializadora de sciencia manca e inutil, sem objectivos sociaes, sem noção de utilidade nem certeza do fim, esse triste aleijão, que nós denominamos "instrucção publica", não pôde absolutamente, attrahir para as archaicas funcções do professorado, os espiritos serios, largos e embuidos do sentimento da responsabilidade. Ridiculamente pagos os cargos do magisterio, em geral servem, pela vitaliciedade de suas funcções, de guarida aos meio-letrados, que, por ausencia de actividade ou deficiencia de cultura real, não podem vencer nas profissões liberaes. Em muitos casos apenas de reclame de capacidade profissional e rotulo honorifico áquelles que as conquistam apenas para se atribuirem mais autoridade no exercicio da clinica, da advocacia, da engenharia, etc., ou excellente situação para quem exerce profissão a cujos privilegios e vantagens pôde juntar e legalmente os modestos proventos e a estabilidade dos cargos de ensino. Raros serão os que se lhe dedicam, impellidos por pura sympathia da profis-



são ou por aspirações idealistas.

Nas minhas palavras não ha rancor. Nem mesmo amargor, fique certo. Apenas a convicção pela experiencia de que ellas exprimem a realidade. Ninguém acceitou a derrota das proprias illusões, o anonymato, uma obscura situação social, com mais tranquillidade do que eu. O meu espirito, destituído de qualidades brilhantes, mas lucido, distinguio sempre, sem engano, os methodos do successo, no meio em que vivemos. Mas que fazer, se a delicadeza ridicula dos meus sentimentos se os meus archaicos escrupulos moraes, se a minha aspera paixão pela mais completa liberdade e autonomia da propria consciencia m'o impediam de tentar a estrada da ascenção ? ...

Depois, convenhamos: o culpado tenho sido eu mesmo.

Para que fui armar-me em D. Quixote, contra essa cousa macrobia e cachetica, que é o ensino official ? Contra essa velha e desgongçada forja de mentiras e preconceitos ? No terreno do pensamento, luta-se contra idéas. Nessa machina archeologica, deturpadora da intelligencia, que fabrica uma meia cultura sem ordem, sem unidade pedagogica e doutrinaria, não ha vida, e, por isso mesmo, nenhuma idéa.

Todo o meu longo e duro esforço foi, de facto, baldado. Eu quiz encarar os methodos constructivos da Historia como os da sciencia pura, quando o meio em que vivo, exigia que fosse professada como instrumento de eloquencia, e que os factos da Historia fossem representa-



dos como ensinamentos de moral civica e mesmo de patriotadas. Procurei demonstrar sempre que a exposição do processo de desenvolvimento das sociedades é explicativa, quando o exigiam que fosse exclusivamente descriptiva e pretexto para esplanções e parallellos literarios.

Eu ensinava que só o raciocinio com seus processos de indução e deducção logicas, sobre os dados reaes e systematisados, pode explicar a marcha e o character dos acontecimentos, quando os outros fazem da Historia humilde disciplina, sem ordenança e sem leis e que só tem por instrumento a memoria. Eu procurava demonstrar que a Historia da humanidade, como simples capitulo do conhecimento da vida, não é senão uma pagina da Historia do planeta. Submettia-a, portanto, ao conceito rigorosamente dynamico de desenvolvimento, quando, segundo as idéas officiaes não consiste senão em uma serie de episodios destacados e de projecções estaticas, uteis apenas para exercicio de declamação. Eu quiz eleval-a, mesmo no seu ensino rudimentar, á dignidade de sciencia, subordinada a conhecimentos positivos e a principios e factores determinantes da causalidade e dos effeitos dos phenomenos sociaes, quando era preciso encaral-a como um ramo da philologia ou simples ornamento de cultura literaria da gente fina. Eu quiz subordinar-a ás leis economicas. Aos meios e processos de producção. Aos factores geographicos e biologicos. Quiz introduzir-lhe os methodos da psychologia collectiva, para determinar o estado de espirito das



massas humanas, ou a direção cultural das sociedades, quando era de exigência, segundo a mentalidade dominante, submettel-a exclusivamente a julgamentos de valôr como ensinamento moral e civico. Tentei explicar a Historia da Humanidade, isto é, determinar o processo do desenvolvimento cultural e economico das sociedades conhecidas, quando me impunham que decorasse episodios munificados e classificados pela mentalidade servil dos escribas catalogadores de rêses humanas, e seriados pela chronologia convencional dos compendios officiaes, para desenvolver apenas as faculdades ~~mn~~emônicas, dos rapazes. Quiz ensinar a marcha e os accidentes da civilisação, quando devia narrar contos indigestos e velhas tolices consagradas pela sapiencia official.

Emfim, tentei utilizar o meu ensino - que acredito calcado nos methodos scientificos, para senear a mentalidade dos discipulos e banir dos espiritos jovens os preconceitos e os males oriundos da ignorancia, quando era do meu dever de burocrata da instrução, entoxicar-os de velhas crenças infantis e de preconceitos consolidados pela eterna e omni~~x~~potente incapacidade dos que podem legislar e fabricar methodos e programmas de ensino, ditos systematicos. Tentei transmitir o conhecimento dynamico do desenvolvimento das sociedades humanas e os aspectos caracteristicos da vida collectiva, na sua grande e constante agitação, no tumulto das suas aspirações, das suas paixões e das suas crenças, nas transformações do seu espirito e da sua cultura, nas



suas relações de independencia e na receptividade constante de elementos externos de progresso e de decadencia. Procurava explicar o caracter dynamico da vida social, nos seus movimentos multiformes, quando a pedagogia official e tradicional exigia que eu projectasse, em quadros mortos e episodicos, isto é, em vastos cemiterios, as civilizações extintas. Puz em scena figuras capitaes da Historia, com os seus vicios ou as suas virtudes, e bem vivas nas grandezas e nas misérias, mas dentro da escala humana, quando era necessario ir aos sarcophagos milenares desenterrar mumias conservadas e divinizadas pela lisonja ~~ou pela piedade~~ e classificadas por seculos de compendios, inspirados pela tradição e pela rotina. Eu ensinava como as sociedades historicas viveram, quando era preciso ensinar como ellas morreram. A minha Historia era cinematographica e sincronizada no seu dynamismo eterno. A official é ensinada pelas projecções immoveis de lanterna estatica.

Como vê você, *completo fiasco que foi o meu trabalho*. Tenho bem a consciencia do meu erro. Acreditava ser minha missão esclarecer, quando era preciso cegar.

Bem justo ~~a~~ - conclusão logica ~ *foi a* minha derrota e os meus revezes profissionaes. Quem me mandou desejar ser professor em lugar de me restringir, escrupulosamente, ás funções pagas pelo Estado, de consciencioso burocrata de uma repartição de ensino, que de-



ve ter apenas o objectivo de marcar com o sello da sciencia dos compendios officiaes, o rebanho dos doutores em formação, futuramente senhores da cousa publica ?

O ensino da Historia foi alijado para os annos inferiores da seriação escolar. Perdi o contróle que sempre tive da totalidade de uma turma de dois em dois annos. Passei a ser um pobre diabo, auxiliar de ensino. Para me fazer entender por alumnos sem certos conhecimentos, rudimentares embora, mas imprescindiveis para a comprehensão de um curso mesmo elementar de Historia da humanidade, fui obrigado a me submeter aos methodos da sebeta e ás attitudes do mestre-escola da tradição. Da minha tentativa, só resta um programma ainda vigente, mas inutil, por incomprehendido, e que, em breve será substituido por um catalogo qualquer de factos guerreiros, politicos e particularmente dynasticos.

Se completa foi a derrota, na tentativa que empreendi, resta-me, entretanto, um grande consolo: não foi inteiramente inutil o meu esforço. A constante affeição e inalteravel estima de um grande numero de antigos discipulos - entre os quaes não faltam, e em notavel quantidade, bellos espiritos, possuidores de solida e vasta cultura - é a demonstração de que não fui inteiramente incomprehendido. Não é disso tambem uma prova indestructivel a sua amisade e o generoso julgamento com que me honrou a sua mentalidade de elite ?



Conheço bem, de par com a sua nobre intelligencia, a independencia de seu character e a elevação dos seus sentimentos. Por isso mesmo muito intensa foi a commoção que tive, ao ler o bello artigo, que me dedicou, com tão prodiga generosidade.

Você ha de se lembrar, por certo, que nunca perdi a oppor-tunidade para affirmar que, relativamente ao resultado do meu esforço e da sua utilidade, só me importava a opinião dos discipulos. O conceito dos outros - a respeito da minha expressão profissional e intellectual - foi-me sempre absolutamente indifferente.

O julgamento daquelles que se dignaram ouvir-me e compreender o meu ensino, foi-me sempre favoravel. E isso basta á minha consciencia, e ás minhas aspirações como profissional. A reprovação ou a indifferença dos outros acerca da minha conducta funcional, nunca entrou, por qualquer motivo, nas minhas cogitações.

Todos que, como você, me conhecem, sabem da inteira sinceridade dessa affirmação. Não é pura expressão convencional ou lisonjeira, para angariar sympathias. Se um dos aspectos mais frizantes do meu character é a resolução inabalavel de exercer sempre a mais ampla liberdade de exame e de pensamento, não é menos patente, nas minhas acções e na exteriorisação das minhas idéas, meu profundo desprezo, por todos os convencionalismos vulgares e hypocritas.

Como você bem allude na sua carta, ha já 3 longos annos



que vivemos inteiramente separados. Mas o meu caro Nelson não calcula com que carinho e solicitude tenho acompanhado, atravez dos seus brilhantes escriptos, a evolução do seu espirito.

De longe mesmo, a afeição e admiração que sempre externei por suas qualidades intellectuaes e moraes, lhe têm sempre sido fieis. Agora mesmo, atravez dessa bella pagina que o seu talento produziu, divizei, bem claro, toda a altiva independencia do seu character. Nenhum fim utilitario poderia guiar a sua mão, traçando essas linhas que tanto enaltecem um pobre professor, ~~destruindo~~ e sem prestigio. A sua livre maneira de encarar certos factos ao contrario, só lhe poderá causar dissabores.

Permitta ainda que, com a unica autoridade que me conferem a idade e a viva afeição que nos liga, lhe transmitta ainda uma observação, por mim feita sobre as suas idéas e que me têm sido particularmente grata. Atravez de todos os seus trabalhos publicados e que tenho lido, ~~tem~~ percebi sempre, com jubilo, a liberdade que o seu espirito tem guardado, das peias e dos limites impostos pelas doutrinas de autoridade systematicas, no terreno do pensamento e do julgamento das idéas e dos factos a que você se tem referido.

Nada, de facto, limita mais o horisonte da razão ~~apreensiva~~  
*e creadora*  
das hypotheses fecundas, para o progresso das sciencias, do que a completa submissão do espirito a essas grandes e sedutoras construc-



*essencialmente intellectualistas, e se pautas experimentalistas,*  
ções ~~de~~, que, na sua rigorosa ordenança, pretendem submeter a uma logica impecavel e a ~~uma~~ seriação rigida todas as categorias dos phenomenos, como se o estado actual da sciencia permittisse qualquer systematisação definitiva dos conhecimentos scientificos.

Toda a systematisação dogmatica dos dados da sciencia, é de character definitivo, é incontestavel embaraço ao progresso illimitado do conhecimento scientifico dos phenomenos da materia, da vida, do espirito e das sociedades e portanto uma concepção de methodo e finalidade anti-scientifica. No dominio da intelligencia, toda a limitação ás aspirações da razão, quer de ordem philosophica, quer de ordem social ou politica, é obra contra o progresso do saber positivo e portanto, contra o aperfeiçoamento da civilisação. Nada mais irracional do que os conceitos estaticos, de ordem immutavel. ~~Se~~ essa absurda negação da realidade do triumpho laborioso da sciencia que modelou a civilisação actual, não tivesse sido sempre posta em cheque no desenvolvimento da historia humana, humilissima e elementarissima seria a nossa actual cultura, pouco invejavel talvez mesmo ao antropomorpho ~~po~~avoengo, se esse sentimento, por ventura, lhe desabrochasse do rude cerebro.

"A condição essencial do progresso da sciencia modeladora da civilisação actual é - ninguém se animaria a negar - a completa liberdade na exteriorisação do pen-



samento"

dizia eu ha tempos, em discurso de parainfante, <sup>não</sup> que me deixaram pronunciar.

Liberdade absoluta de exame e de propaganda de todas as aspirações ! Respeito religioso por todas as formas de actividade da razão, supremo instrumento organisador dos dados da sciencia consolidada e das hypotheses geradores do saber futuro - tal deve ser, em nossa epoca o lemma de todo espirito esclarecido.

Inutil e irracional será oppôr barreiras e limites a quaesquer que sejam as manifestações da razão, mesmo aquellas que se afigura serem as nossas convicções actuaes, as mais utopicas, as mais desvairadas !

O que classificamos hoje, desdenhosamente, de allucinações de anarchistas ~~ou~~ ou de dementes, serão amanhã, talvez, a expressão mais completa da razão positiva. Toda a historia da formação das idéas, é uma prova inconcussa dessa vulgar asserção.

As etapas da marcha triumphal da sciencia, na historia do progresso da cultura humana são determinadas por actos de rebeldia contra os habitos e as idéas dominantes. Interminavel serie de revoluções, na historia, vem destruindo, um a um, os mais poderosos obstaculos oppostos ao livre exame, pelo saber convencional e official, sempre ao serviço das innumeradas formas de oppressão. Cada assalto



victorioso á ordem estabelecida e á mentalidade collectiva em que ella se apoia, abre nova éra de liberdade e quasi sempre funda novo capitulo da sciencia.

A civilisação, condicionada pela utilização dos principios da sciencia, é, sem duvida, o producto da necessidade <sup>(historica)</sup>. Mas tambem, em parte, é obra da revolta da noção de justiça e de equidade que existe - no fundo das consciencias, mesmo as menos esclarecidas - contra as mentiras seculares e constituídas em codigos moraes e politicos, contra os privilegios economicos, contra o predominio das classes privilegiadas, que - para manterem o seu poder, exclusivamente fundados na força economica que conquistaram - ora se erigem em guardas sagrados do conhecimento da natureza e da moral politica e social, originada e imposta pelos seus interesses afim de conservarem o commando da sociedade, ora procuram degradar o espirito da sciencia, proclamando-a sacrilega e immoral, ou, de novo, se esforçam por submettel-a a principios estreitos e a methodos de ensino que lhe esterilizam os fins libertadores e equalitarios. A civilisação, meu caro amigo, na sua exsencia, é a derrota de todos os conceitos de ordem imutavel e de instituições definitivas.

A ordem estatica não é, de modo algum, uma realidade. Ella não é mais do que um puro conceito da sociologia abstracta ! A ordem natural das sociedades humanas é essencialmente dinamica.



A lenda do judeu errante é a representação symbolica da historia real da humanidade : "Caminha ! Caminha sem cessar, até a consumação dos seculos!" - impõe-lhe a vóz da evolução eterna, impiedosa, mas libertadora.

Acreditar-se na possibilidade da manutenção definitiva de um regime - mesmo julgado o mais completo e o mais perfeito, quer na ordem politica ou economica, quer na ordem moral - é abrigar a mais pueril das utopias.

Toda historia das sociedades humanas não comprova, acaso, que as mais duras e solidas tyrannias politicas, religiosas, ou economicas, têm sido derrubadas pelas aspirações libertarias, que germinam e florescem até mesmo nas almas as mais degradadas ? Assim tambem, no puro dominio do espirito, as escravidões impostas ao pensamento pelas escolasticas ou systemas philosophicos de fronteiras rigorosamente delimitadas, vêm sendo, do mesmo modo e inevitavelmente, <sup>aqual</sup> abolidas pela propria sciencia, taes construcções, essencialmente intellectualistas e erguidas sob logica impecavel, pretenderam submeter-se ás cadeias de um formalismo estreito e simplista, <sup>e</sup> as abstracções falsamente generalisadoras <sup>bem como</sup> disciplinal-a, arregimentando-a, nos quadros artificiaes das classificações e seriações geneticas, onde as ambições da razão metaphysica suppõem caber a totalidade dos factos mais ou menos considerados na esphera do conhecido.



Emfim, meu caro Nelson, é tempo de pôr ponto final neste interminavel e mal alinhavado arrazoado, que lhe está, de certo, fatigando o espirito, pela ausencia de policia e de elegancia do estylo em que foi vasado, aos trambolhões, em pauperrimo vocabulario, sob o horror de escrever e de alinhar phrases - horror, que é, entretanto, a melhor das minhas raras virtudes.

Estas linhas, aliás, não são mais do que fatigante comentario á margem da bella pagina, em que você, apesar da insignificancia da personalidade visada, com o seu grande poder de evocação e a arte consumada do seu puro e bello estylo, criou uma figura que o seu talento de escriptor e a sua larga generosidade ornaram de virtudes que, na realidade, não possue.

Ha tanto tempo não tenho o prazer de conversar comsigo ! Por isso mesmo, abusando da sua paciencia, aproveitei a oportunidade que se me offerece, para trocar idéas que, a ambos, nos são gratas.

Profundamente desvanecido, receba o testemunho do meu enthusiasmo pelo escriptor, e a expressão mais sincera da minha affectuosa e inalteravel amisade.

Copacabana, 9 de Junho de 1933.

Ismael Pinto Barreto.



Rio, 14/4/39

Meu Caro Nelson

Recebi o seu recado pelo Da-  
vid. Fiquei contente. Conte-me  
por favor: 1.º) qual era o principal  
editor o seu livro sobre pentagramas  
e hexagramas. Razões de ordem parti-  
cular me impedem de ler o es-  
to depois de trabalhar. E toda  
constrangido, por não poder  
ser franco a você e deixar  
magado. Tenho o seu  
grande apreço e, a seu respeito,  
quero-lhe bem.

Vou agora me ocupar a



redução da história de  
literatura, para adiante,  
com grande prazer, para  
fazer imediatamente. Ou seja,  
por, o original. Saia na  
documentos de o novo

Tarquinio. Ou seja. E se  
é não concordar, saia  
por de Cohen, mas, entre-  
re para o público imedia-  
mente.

O original de aqui para o seu  
endereço em frente registra-  
do. Ou seja, não mais de aqui para



Rio, 20. 6. 40

Carlson

Vi sua carta ao Daniel.  
Boa tua rapar. E tu em  
volta. Cada vez sou mais  
pctudista e acreditto nesse  
homem. Como tambem acreditto  
que a hum anida de vae te  
mellhor dia.

A proposito. he tu. Sua  
carta ao Samuel. Por tu  
ede a tua petição que the  
excessivo pedido um artigo  
sobre o dis curso de Presidente.



P. J. / *Am. Livro*  
*saia*  
*injeção*  
*velho*  
*em*  
*velho*  
*na*

Em di curso, como v. bem  
sabia, trouxe uma carta  
inquirições. Foi, por mts,  
mal empachado de do. Conco  
que nos que o pertencem  
bem o explanar. Eu  
não sou escritor e pouco  
explicado - o un conversar  
que tenho com o amigo.

Vou e' escritor e como  
trabalho conciliante de  
explicado - o de publico. De  
me mandam o artigo?  
Atenc. do Jose Olympio



Rio, 20. 6. 40

Carlson

Vi sua carta ao Daniel.  
Boa tua rapar. Estou em  
viagem. Cada vez sou mais  
peticulista e acreditado nesse  
homem. Como também acredito  
que a humilhação de vocês  
muito diga.

A propósito, he a tua. Sua  
carta ao Samuel. Estou  
a ler e uma pedida que lhe  
enviei pedindo um artigo  
sobre o discurso de Presidente.



P. J. / *Am. Livro*  
*saia*  
*injustiça*  
*velho*  
*em*  
*velho*  
*na*

Em di curso, como v. bem  
sabia, trouxe uma carta  
injustiça. Foi, por isto,  
mal empachado de do. Conco  
que não que o pertença  
bem o explication. Eu  
não sou escritor e proco  
explication - o um converso  
que tenho em o artigo.

Vou e' escritor e como  
travilho conciliente de  
explication - o de publico. De  
me mandam o artigo?  
Abraço de José Olympio





GABINETE DO MINISTRO

## MINISTERIO DO TRABALHO, INDUSTRIA E COMMERCIO

Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1939

Meu presado amigo e confrade Nelson Werneck Sodré ,

Muito lhe agradeço a offerta do seu Panorama do II Imperio. Eu já lhe havia adquirido um exemplar quando recebi o que me offertou com a delicada dedicatória , que trouxe .

O seu livro é um dos mais bellos livros que se tem escripto ultimante em nesso paiz. Temos progredido muito no dominio das pesquisas historicas , principalmente sobre o II Imperio ; mas, pouca cousa temos tido como visão de conjunto deste grande periodo historico. O seu bello volume nos vem dar esta visão num verdadeiro panorama, pois que nelle ha o que se exige num panorama : isto é , largueza , generalidade , compreensão dos traços geraes, intuição da trama obscura, subterranea, invisivel dos acontecimentos e das suas causas explicadoras. Temos até agora muito material colhido, muita explicação de superficie , muita relação de contiguidade mais do que relação de connexidade ou de causalidade . No seu forte ensaio , ha uma intuição destas relações causaes , desta trama profunda e intima dos factos e das causas - e o quadro esboçado tem horiosnte , amplitude , belleza de perspectiva . Escreveu-o, ao demais com esta maneira sua , larga no corte dos periodos , cheia de nobre elegancia no addamento da phrase, deixando a expressão transparecer a dig



nidade e a altitude do pensamento .

Em summa , o seu livro é um livro serio, que faz pensar e que se ha de impor pela severidade do seu conteudo ,pela honestidade dos seus juizos e pela elevação das suas ideas .Creia que espero novas e tão brilhantes manifestações do seu talento e da sua cultura com o maior interesse intellectual e a mais viva sympathia e admiração .

Receba um sincero e cordial aperto de mão de quem é seu admirador , amigo e conterrâneo obrigado

Oliverian





GABINETE DO MINISTRO

## MINISTERIO DO TRABALHO, INDUSTRIA E COMMERCIO

Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1939

Meu presado amigo e confrade Nelson Werneck Sodré ,

Muito lhe agradeço a offerta do seu Panorama do II Imperio. Eu já lhe havia adquirido um exemplar quando recebi o que me offertou com a delicada dedicatória , que trouxe .

O seu livro é um dos mais bellos livros que se tem escripto ultimante em nesso paiz. Temos progredido muito no dominio das pesquisas historicas , principalmente sobre o II Imperio ; mas, pouca cousa temos tido como visão de conjunto deste grande periodo historico. O seu bello volume nos vem dar esta visão num verdadeiro panorama, pois que nelle ha o que se exige num panorama : isto é , largueza , generalidade , compreensão dos traços geraes, intuição da trama obscura, subterranea, invisivel dos acontecimentos e das suas causas explicadoras. Temos até agora muito material colhido, muita explicação de superficie , muita relação de contiguidade mais do que relação de connexidade ou de causalidade . No seu forte ensaio , ha uma intuição destas relações causaes , desta trama profunda e intima dos factos e das causas - e o quadro esboçado tem horiosnte , amplitude , belleza de perspectiva . Escreveu-o, ao demais com esta maneira sua , larga no corte dos periodos , cheia de nobre elegancia no addamento da phrase, deixando a expressão transparecer a dig



nidade e a altitude do pensamento .

Em summa , o seu livro é um livro serio, que faz pensar e que se ha de impor pela severidade do seu conteudo ,pela honestidade dos seus juizos e pela elevação das suas ideas .Creia que espero novas e tão brilhantes manifestações do seu talento e da sua cultura com o maior interesse intellectual e a mais viva sympathia e admiração .

Receba um sincero e cordial aperto de mão de quem é seu admirador , amigo e conterrâneo obrigado

Oliverian



Meu caro confrade Nelson Werneck  
Sodré ,

O seu Oeste, bello e substancial ensaio de anthro-  
po geographia e sociologia regional, está lançado na-  
quellas linhas largas, amplas de architectura e esty-  
lo que são tão do seu feitio literario e que tão bem  
exprimem as suas superiores aptidões para as grandes  
syntheses . O imponente panorama geographico do Oeste  
, pintando num dos ultimos capitulos do livro a mar-  
cha das grandes correntes povoadoras bastariam para  
consagral-o como anthropogeographista e como escript-  
tor . O estudo da sociedade pastoril, primitiva e noma-  
de, que vive e passeia ( não seria este o termo jus-  
to ? ) por sobre estes vastos taboleiros campinosos  
, immensuraveis na sua vastidão, representam synthe-  
ses da mais segura technica, como sciencia social e  
como ecologia humana , digna de ser subscripta, por  
qualquer dos grandes observadores e análystas da  
escola leplayana - um Bureau, um Preville , um Des-  
camps, um Rousiers .

O seu Oeste não me vale apenas como obra de  
historia social e sciencia social; vale-me tambem pe-  
lo popro patriotico que o inspira : as suas revela-  
ções sobre a infiltração paraguaya e boliviana na  
nossa fronteira matto-grossense é um grito de pa-  
triotista e parece-me impossivel que os nossos dirigen-  
tes não o ouçam . Devo-lhe dizer ainda que o seu cap-  
itulo sobre a vida municipal do Oeste revela uma ad-  
miravel objectividade, que é , aliás, uma das cara-  
teristicas do seu espirito : elle deixa á mostra ,  
~~uma~~ nú como uma rocha de granito na planície, o ar-  
tificial da nossa doutrina , que julga encontrar no  
Município a base da liberdade politica .



O seu livro é o mais bello ensaio que até agora tem sido escripto sobre as nossas populações pastoris. Já temos excellentes estudos, alguns mesmo calcados ~~em~~ em criterios de sciencia social, sobre o pastoreio nas catingas e sobre o pastoreio nas planicies do extramo-sul. Temos agora, com o Oeste, o ~~primeiro~~ pastoreio nos campos dos chapadões do Brazil Central. São trez habitats distinctos, gerando trez sociedades distinctas, não só na sua estrutura, como no seu proprio espirito, e cada qual com os seus estylos de vida proprios. O grupo do centro, que parecia insignificativo, pelos seus caracteres culturaes e anthropogeographicos, agora nos apparece, no seu livro, meu caro confrade, na plenitude dos seus relevos, dos seus caracteres fundamentaes e na sua immensa significação social, economica e politica. Dos estudos consagrados ás nossas populações pastoris, nenhum, entretanto, nos apparece tão completo e tão scientificamente conduzido como o seu: é esta a minha conclusão.

Creia-me sempre seu mais sincero admirador e amigo obrigado

Olívio Viana

25/9/942



1940

Meu caro amigo,

Riceli e sua-fantasia de ditos.  
Time Boy, bem - e só agora acabou a  
 uma raposa. Nas o fiz ha mais tan-  
 to, porque o hum tempo de trabalho me  
 tomam um tempo enorme, não me  
 sobre nada para trabalhar em casa  
 minha correspondência e em com diff-  
 culdade que mantinha em dia  
 e muito leituras. Está tua obra  
 (que só agora vir a conhecer, (a)  
 na tua 2ª ed.) e, por certo, um  
 do mais bello ensaio, mais bello  
 e mais original, que se tem  
 publicado neste ultimo tempo



debe a critica deambulatoria  
de uma historia literaria. Nello  
momento o mesmo espirito in-  
gerencia o Panorama do II Im-

perio: amplexo, severo, pro-  
prio, ni per 12. m. pelos fol-  
hos de criticas, pela largura  
dos quadros, pela altitud. de  
pensamento, pela dignidade e  
elegancia do estilo.

Hoje me ha o seu dizer o seu  
de lto admirador e o leitor

phs

Churruin



Niterói, 15 de julho de 1942

Meu caro e presado amigo Werneck Sodré,

Recebi o seu novo e, como sempre, bello trabalho sobre as Orientações do pensamento brasileiro. Vejo-me também alli retratado, embora num retrato favorecido por demais. Isto quasi que me torna suspeito para dizer do merito, tão alto, das suas novas paginas. Devo-lhe dizer que tenho também em mão, ha tempos recebido, o seu notabilissimo Oeste: delle não quero, nem posso, dizer nestas breves e curtas linhas de agradecimento; fal-o-hei depois, já que não fiz até agora, porque não sabia bem qual o seu endereço certo e seguro, pois os telegrammas me informavam de suas diversões militares no profundo deste mesmo Oeste, a procura de bandidos de cangaço...

Mas, voltando ao ponto inicial, o seu livro Orientações constitui um livro singular, originalissimo; não sei de nenhum que se lhe compare. Conheço alguns delles, no genero; mas, resultaram em simples reportagens ou enquêtes, por falta de espirito critico e, principalmente, intuição psicologica dos autores. No caso do seu, dá-se coisa diversa: sente-se que elle é obra de um critico nato, de um historiador de literaturas, de alguem que ja estudou os autores e os julgou com finura e penetração e apenas pede á enquête os elementos para determinar a configuração total de cada um delles. Não se trata,



Nota:-- Dos meus Pequenos estudos torou-se uma 3ª edição; não lhe mando um exemplar, porque ainda não rebi de Editora os volumes que ella me destinará. Logo que me chegarem, o seu lá irá ter.

do simplese exercicio esportivo de um espirito curioso amigo de detalhes intimos e , ás vezes , indiscretos ; mas, de uma investigação em profundidade ,obedecendo a um plano, a um systema critico , onde só se inquire aquéllo que é essencial como elemento genetico da criação litteraria e da psychologia intima dos autores . Ha sciencia neste trabalho, e não curiosidade .

Por isto mesmo , o seu livro é uma especie de chave-a melhor , e mais segura -para um perfeito entendimento da obra dos autores focados nelle . Pelo que me toca, posso dizer que espero , depois delle ,ser mais bem comprehendido do que até agora tenho sido no alcance e tendencias do que tenho escripto . Não se podia ,com mais larga comprehensão e mais aguda penetração ,apanhar melhor e mais finamente o significado superior e as intenções de uma obra . Comprendo agora o sentido profundo de algumas das suas perguntas, que me pareceram , a principio, de simples curiosidade ...

Careço de expressões para significar -lhe o meu agradecimento pelo seu carinhoso interesse pelo meu labor litterario e as suas palavras de tão immerecido louvor .Efeitos do nosso amavel e bello chão fluminense, sempre fecundo na criação destas excellencias do espirito e do coração ...

Pergunto : porque não me abre a oportunidade de renovar a nossa primeira palestra ,vindo á esta sua casa? O meu telephone é 2.0208 e , si quizesse marcar um almoço ou um jantar commigo , num destes dias livres ,um domingo se lhe agrada, muito me alegraria . Com a admiração do seu

seu amigo e admirador *Oliveira Viçoso*



RIO DE JANEIRO, (Piedade, R. da Capéla 102), 6.II.42.

Ao distinto camarada Nélson WERNICK SODRÉ, cordealmente cumprimenta o Jeneral KLINGER, dada a oportunidade de lhe agradecer o gentil oferecimento dum exemplar de seu prezioso livro "OESTE".

E especialmente lhe agradeço os afetuózos termos da dedicatória.

Dos mezmós depreendo-se não lhe digo nada novo em afirmar que li o livro com especial atensão e gosto, pois a cada passo me evocava recordações. Dentre éstas, para não me simjir a simples formalidade mas também fujindo de me prevaleser do pretexto, deixe-me consignar apenas que conheci aquele paradigma do nóso fazendeiro rico-póbre, miseravel, do oeste, o nóso "far-west", Clemente BARBOZA. Foi em 1925, quando da invasão de Préstes & Cia. em MATO GROSSO. Dificuldade de informações, suprida pela fantasia pra peiór, e ábilmente explorada por adéptos mais ou menos disfarsados dos rebéldes, lançaram o pânico na fronteira do AMALBAI, notadamente na guarnição de PONTA PORAN, com repercussão na de BÉLA VISTA, traduzida em dezersões de prasas do 10º R.C.I. O Jen. MALAN, cmt. da Circumscrição, entre outras arrejimentações de "patriótas", apelou para Clemente BARBOZA, sobretudo sacando sobre o seu prestígio pessoal no meio dos incorporados e rezervistas dacele corpo, tanto quanto abitantes da região - os cuas eram prezizamente aqueles que, familiares dasélas imensidades de território vazio, podiam pensar em dezersão. Conheci então o omem, na Cabeseira do APA, quando ele aí xegou com sua gente, e com o xamado 10º R.C.I. Digo "xamado", porque, como tantos outros, esse R. mal tinha o efetivo dum esquadrão. Pelo seu porte, pela atividade, que nesesariamente naéla geografia implicava o uso do cavalo, não denumsiava os anos que já lhe pezavam. Andava descalso; e grande parte de seus patriótas era gente que só falava guarani, quando muito cruzado de raros termos castelhanos. Imagino que o seu "alcanse do canhão", delimitador de suas "ágoas territoriaes", orsaria em 3 ou 4 etapas de marcha a cavalo: quando nos deslocamos rumo DOURADOS,



no primeiro pouzo deu por finda a sua missão e manifestou dezejo,  
por iso mezmo, de recolher-se á fazenda com sua jente. Comprendi,  
e atendi. E em nome do jeneral muito lhe agradezi os servisos.  
Desculpe a prozeada. Refreio o pingo, ce parése esporeado pela mez-  
ma longura do xão conhesido. E "desapeio".

Maes uma vez muito obrigado pela lembransa tão amavel e pela interes-  
santisima leitura.

Cordeaes saodades do cam.<sup>a</sup>, adm<sup>l</sup>r e obr<sup>o</sup>

*Jen. Klinge.*



FECH

DOBRE NESTA LINHA



MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

MENSAGEM SOCIAL

CR\$. 1,00

URBANO

Destinatário *Nelson Werneck Sodré e família*  
Rua *D. Mariana, 118, apt. 208*  
Bairro *Bot-fop*  
Cidade \_\_\_\_\_  
Estado *Rio*

759768

S

DOBRE NESTA LINHA

Remetente *He. C. tub Bram*  
Residência \_\_\_\_\_

COM O SEL

BIBLIOTECA  
BRASIL  
NACIONAL

24 1.349.354D  
5/11/2012



# Bom Fim de Ano

Feliz Natal e feliz 1949.

Muito e muito obrigado  
pelas atenções e  
camaradagem, na E.E.M.



ASS.

R  
Com a família



Nelson Werneck Sodré:

BIBLIOTECA  
BRASIL  
NACIONAL

Reg. 1.349.372 D  
5/11/2012

Parece incrível: eu andava  
à sua procura e no dia em que  
nos encontramos, na hora da apre-  
sentação, não ouvi o seu nome e  
fiquei na sua frente vagamente des-  
confiado de que já o havia encon-  
trado antes... E nada lhe disse  
do que tinha p. lhe dizer.

● Li sua apreciação de Jeza,  
uma das mais e melhoradas de  
quantas tenho lido até agora



As coisas mais certas que já  
se disseram a meu respeito lá estão  
no fecho de sua nota. Muito  
Obrigado.

Moço manda-lhe um abraço,

E eu o abraço também  
na esperança de tornar  
a vê-lo em breve.

Muito seu

Orcel Venessiney



Rio, 20. 6. 40

Carlson

Vi sua carta ao Daniel.  
Boa tua rapar. Estou em  
viagem. Cada vez sou mais  
pessimista e acredito nesse  
homem. Como também acredito  
que a humilhação vai te  
matar logo.

A propósito, hez-te. Sua  
carta ao Samuel. Estou  
de volta e vou pedir que lhe  
enviem pedido um artigo  
sobre o discurso de Presidente.



P. J. /  
 em livro  
 sair  
 impet  
 veloz  
 em veloz  
 wa

Em di curso, como r. bem  
 Asalia, trouxe uma carta  
 inquirições. Foi, por mts,  
 mal empachado d. do. Conco  
 que nos que o pertencem  
 bem o explication. Eu  
 não sou escritor e procuro  
 explicar - o my conversary  
 que tenho com o amigo.

Vou e' escritor e como  
 traidor conciliante de  
 explicar - o de publico. De  
 me mandam o artigo?  
 Abreço de José Olympio